

# A realidade psíquica e a tópica da clivagem<sup>1</sup>

## *The psychic reality and the topic of splitting*

Luiz Carlos Tarelho<sup>2</sup>, São Paulo

### Resumo

O presente trabalho examina a forma como a realidade psíquica, que representa o domínio de realidade da sexualidade inconsciente, se encontra no plano do inconsciente encravado. Ele sustenta que a sexualidade se encontra inserida nesse espaço sob três formas: das mensagens implantadas no Eu-corpo, como um sexual/pré-sexual, do autoerotismo, como primeira manifestação da pulsão sexual, e também das injunções superegóicas, como o extremo da ligação sexual.

**Palavras-chaves:** Realidade psíquica; Tópica da clivagem; Autoerotismo; Supereu; Pulsão sexual

---

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Doutor em estudos psicanalíticos pela *Université Denis-Diderot – Paris VII*. Psicólogo e psicanalista em São Paulo.

## ***Abstract***

### ***The psychic reality and the topic of splitting***

*The present work examines the way in which psychic reality, which represents the domain of reality of unconscious sexuality, is found on the plane of the enclave unconscious. He maintains that sexuality is inserted in this space in three forms: messages implanted in the Ego-body, as a sexual/pre-sexual, autoerotism, as the first manifestation of the sexual drive, and also superegoic injunctions, as the extreme of bind sexuality.*

***Keywords:*** *Psychic reality; Topic of splitting; Autoerotism; Superego; Sexual drive*

A articulação que proponho entre a “realidade psíquica” e a “tópica da clivagem” não só é inesperada, mas também, o que é ainda pior, corre o risco de despertar espanto e até mesmo ceticismo. Isso se deve sobretudo à visão predominante sobre a exclusão da sexualidade desse domínio clivado do psiquismo (DEJOURS, 2001), ao passo que a noção de realidade psíquica visa justamente dar conta de um terceiro domínio de realidade, constituído pela sexualidade inconsciente. O que me faz, então, insistir nessa abordagem que vai contra a corrente? Minha introdução consistirá em uma tentativa de responder a essa pergunta.

Uma primeira motivação vem do texto proposto como argumento dessa Jornada. Esse texto enfatiza o fato de que Laplanche não mediu esforços para elevar a noção de “realidade psíquica”, tomada emprestada de Freud, à categoria de conceito – isto é, algo central não apenas na psicanálise, mas também na filosofia, uma vez que esse conceito descreve um terceiro domínio da realidade, que difere tanto da realidade psicológica quanto da

realidade material. Trata-se do domínio da sexualidade inconsciente, cuja base material é a mensagem, na medida em que engloba um “significante para”. Ou, como se lê na citação de Laplanche (1992a) presente na apresentação da temática desta Jornada:

Ao lado da realidade perceptiva e da realidade psicológica, da qual a fantasia consciente/pré-consciente seria um setor fundamental, caberia *estabelecer como terceira realidade a realidade da mensagem*, ou seja, a do significante que é transmitido a alguém por alguém. (p. 409)

Mas o que isso tem a ver com a questão da tópica da clivagem?

Para ir diretamente ao ponto, é necessário lembrar que, com razão ou não, a concepção que Laplanche (2007) nos deixou sobre a tópica da clivagem é a de que ela é constituída por um espaço, tanto corporal quanto psíquico, onde estão inscritas as mensagens do outro, seja por intromissão ou implantação, e onde permanecem seja pela falha ou pela impossibilidade de tradução. Logo, se a realidade psíquica está realmente associada à mensagem e o inconsciente encravado é constituído por mensagens do outro que não foram submetidas a um tratamento tradutivo, então, temos de reconhecer que deve haver uma relação entre eles.

Para retomar os argumentos desta Jornada, eu diria que a discussão sobre a realidade psíquica vem reabrir, de certo modo, essa questão da relação entre a sexualidade e a tópica da clivagem. E nossa abordagem em contracorrente pode ser justificada ao menos pelo fato de que Laplanche concebe o inconsciente encravado como o espaço em que estão inscritas as mensagens antes do processo tradutivo. A grande questão consistiria, então, em saber qual pode ser o *status* da sexualidade nesse espaço.

Essa questão está intimamente associada a uma outra, relativa ao fato de que Laplanche utiliza a expressão “realidade psíquica” para se referir tanto às mensagens quanto ao conteúdo do inconsciente recalcado. O que lhe permite fazer isso? A única razão que pode explicar essa dupla referência é a existência de um ponto em comum entre as duas situações: a sexualidade, reduzida à sua essência – a saber, o endereçamento contido no “significante para”, à diferença de que, na mensagem, o “significante para” faz parte de uma cadeia significante e, no inconsciente recalcado, ele se encontra isolado. Essa diferença de *status* do “significante para” constitui uma especificidade no que diz respeito à sexualidade em cada uma das situações em questão. No inconsciente recalcado, a sexualidade se encontra em seu estado de origem, pois deriva do recalque, enquanto que, na mensagem, ela já é o retorno do recalcado em estado de formação de compromisso, ao menos nas mensagens ditas “enigmáticas”.

Essa diferenciação pode lançar uma luz sobre a discussão, mas parece deixar em suspenso um outro estado da sexualidade, o qual diz respeito à mensagem implantada ou intrometida no Eu-corpo. O que é feito da sexualidade após a inoculação dessa mensagem no Eu-corpo da criança e antes do processo de tradução-recalque? Aqui, as coisas já não me parecem tão claras. Talvez a maneira mais interessante de conceber essa sexualidade seja por meio da noção freudiana do sexual/pré-sexual, à qual Laplanche alude justamente para situar esse tempo originário da inscrição da sexualidade pelo outro (LAPLANCHE, 1992b). Como afirma Ribeiro, essa ideia permite que se conceba a existência de uma excitação transbordante que ocasiona um desequilíbrio no nível adaptativo, mas que ainda não se constituiu como pulsão sexual, uma vez que o objeto-fonte precisa do recalque para despontar (RIBEIRO, 2000, p. 220). Creio ser nesse sentido que Laplanche emprega essa expressão, embora ele não tenha se aprofundado nesse tópico.

Por conseguinte, a noção de um sexual/pré-sexual parece fazer muito sentido nesse contexto, pois dá conta tanto do fato de que o sexual já está presente nas mensagens quanto do fato de que esse sexual implantado no Eu-corpo produz uma excitação transbordante, que não ataca o Eu-instância, ainda ausente, mas perturba o funcionamento vital, atingindo primeiramente o corpo. Embora não tenha chamado a atenção de Laplanche, essa relação com o corpo é inevitável, como repetidamente tem salientado Dejours, que chegou a considerar que não é a mensagem em si que desencadeia o processo tradutivo, mas sim o efeito transbordante que ela produz no corpo (DEJOURS, 2023). Ainda que Laplanche não desconhecesse por completo essa via, creio ser necessário seguir adiante nessa direção, sobretudo porque assim é possível sustentar melhor o enraizamento da pulsão no corpo.

Na verdade, parece importante reconhecer que o tempo de inscrição das mensagens no Eu-corpo, pela ausência de Eu no sentido tópico, situa o corpo no centro do processo de constituição da pulsão. Mas, seria possível afirmar, como Bleichmar (1993, p. 57), que o objeto-fonte já se constitui com a implantação? Acreditamos que isso acaba criando um impasse em torno da ideia, tão cara a Laplanche, de que a constituição do objeto-fonte depende do processo tradutivo-recalcador, pelo qual o objeto, para tornar-se objeto-fonte, deve perder algo pelo caminho. Por esse motivo, a noção de sexual/pré-sexual me parece apropriada para pensar um primeiro tempo da constituição da pulsão, no qual está em jogo principalmente o enraizamento, no corpo, do sexual transmitido pelas mensagens antes do processo de metabolização e de dessignificação.

Nessa perspectiva, envolvendo o enraizamento da pulsão no corpo, há um elo intermediário fundamental: o autoerotismo. Ora, também no caso do autoerotismo, podemos dizer que muitas questões ficaram abertas na obra do Laplanche, sendo que a principal concerne ao lugar tópico do autoerotismo. Em alguns textos, principalmente nos mais antigos, a origem

da sexualidade coincide com o surgimento do autoerotismo, cuja principal marca é a fantasia (LAPLANCHE, 1980, p. 59). Contudo, na maioria das vezes ao longo da obra, a origem da sexualidade é diretamente associada ao recalçamento das mensagens inscritas no Eu-corpo, sem qualquer referência ao autoerotismo. Além disso, nesse caso, o recalçamento das mensagens conduz imediatamente à divisão tópica e à constituição do objeto-fonte no inconsciente recalçado. Portanto, verifica-se essa oscilação um tanto enigmática, pois o autoerotismo nem sempre está presente na descrição da origem da pulsão. Como interpretar essa ausência? Trata-se de um simples descuido ou seria um sinal de certa dificuldade na teorização sobre o lugar tópico ocupado pelo autoerotismo? Também poderíamos nos perguntar se essa dificuldade não estaria relacionada àquela de situar o lugar do corpo nesse processo.

Acreditamos que a ausência de questionamentos a esse respeito, assim como a possibilidade de responder de modo mais assertivo, exige que levemos em consideração a tópica da clivagem. Nos argumentos em favor de pensar uma relação entre a realidade psíquica e o inconsciente encravado, adotamos essa hipótese como central, razão pela qual nossa discussão começará por esse ponto.

Ao estudar Laplanche, sempre me surpreendeu o fato de que o autoerotismo parece ter sido um pouco esquecido nas suas definições mais clássicas da origem da pulsão, ao passo que, em alguns textos, ele é concebido como a primeira forma que a sexualidade assume na criança. Se não se trata de um simples descuido, pouco provável em Laplanche, como podemos interpretar essa oscilação em suas descrições? Antes de propor uma resposta, examinemos diretamente esse aspecto em seus textos.

No clássico artigo *Curto tratado do inconsciente*, no qual Laplanche desenvolve sistematicamente a sua hipótese sobre a constituição do

inconsciente, não encontramos qualquer referência ao autoerotismo na descrição da formação do inconsciente, como podemos observar no seguinte trecho:

O modelo tradutivo do recalque só pode ser concebido no âmbito da teoria da sedução. As representações-coisa que formam o núcleo do inconsciente devem ser concebidas como aquilo que foge às primeiras tentativas da criança de construir um mundo inter-humano, logo, de traduzir em uma visão mais ou menos coerente as mensagens provenientes dos adultos. O fracasso parcial, mas necessário, dessas tentativas se deve ao fato de que essas mensagens são enigmáticas para o próprio emissor, isto é, estão *comprometidas* pelo seu inconsciente. (LAPLANCHE, 1999a, p. 80)<sup>3</sup>

Essa forma de descrever a constituição do inconsciente e da pulsão predomina na maior parte de seus textos sobre esse assunto. Nessa versão, o fracasso parcial da tradução das mensagens parece conduzir diretamente tanto à constituição do objeto-fonte quanto à formação do inconsciente. Portanto, essa forma de descrever o processo não é sem importância, ao contrário, é a mais difundida ou, pelo menos, é a que encontramos nos textos mais completos sobre a TSG.

No entanto, nos textos em que a TSG começa a tomar forma, encontramos uma outra versão, na qual a constituição do objeto-fonte é acompanhada pelo surgimento do autoerotismo. Em um desses textos, intitulado *A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência*, ele apresenta um esquema geral do que vai se tornar sua teoria. Eis o que ele afirma a esse respeito:

---

<sup>3</sup> Laplanche, J. (1999). *Entre a sedução e a inspiração: o homem*, (Cap. 3, p. 71). Porto Alegre: Dublinense, 2023.

Os gestos autoconservativos do adulto, por serem portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele e incontroláveis para a criança, produzem, nas zonas ditas erógenas, o movimento de clivagem e de deriva que leva eventualmente à atividade autoerótica. Mas o veículo obrigatório do autoerotismo, o que o estimula e faz existir, é a intrusão e depois o recalçamento dos significantes enigmáticos trazidos pelo adulto. (LAPLANCHE, 1992, p. 239)<sup>4</sup>

Nesse trecho, encontramos uma descrição muito mais completa da gênese da pulsão, na qual se destaca o autoerotismo. Na verdade, o autoerotismo é entendido aqui como o resultado do recalçamento das mensagens dos adultos, que produz um movimento de deriva e de clivagem. Essa noção de clivagem remete, evidentemente, à clivagem tópica (horizontal), até porque, um pouco mais adiante, ao ressaltar o papel do recalque, Laplanche afirma: “São estas representações de coisa, tornadas representações-coisa, que adquirem um caráter isolado, sem comunicação e sem significância, naquilo a que chamamos de Id” (*ibid.*).

Com base nessa formulação, somos levados a concluir que o autoerotismo se situa no inconsciente recalçado. E creio não haver dúvidas de que essa forma de situar o autoerotismo é predominante. Mas não podemos deixar de nos perguntar se tal concepção não gera um problema, visto que o surgimento do autoerotismo é anterior ao surgimento do narcisismo, portanto, anterior à divisão tópica. Aliás, minha hipótese é que a reticência de Laplanche em incluir o autoerotismo em suas descrições mais correntes sobre a constituição da pulsão advém justamente dessa dificuldade em situar topicamente o autoerotismo. Mas como podemos, então, desenredar essa questão?

---

4 Laplanche, J. A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência, in *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios* (Cap.7, p.80). Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b.

Podemos encontrar uma abertura para pensar essa clivagem de uma outra maneira em um texto, mais antigo, referente a esse movimento de constituição do autoerotismo. O texto se encontra em *Problemáticas III – A sublimação*, no contexto da discussão do apoio e do processo de simbolização, que prepara o terreno para a explicação do surgimento do objeto-fonte. Essa simbolização diz respeito justamente ao autoerotismo. Ela se desenvolve em dois tempos: “um tempo de apoio propriamente dito, que é um apoio da atividade sexual sobre a atividade de autoconservação, e um tempo de desligamento e de retrocesso em autoerotismo” (LAPLANCHE, 1980, p. 58)<sup>5</sup>. Aqui, a clivagem é descrita em termos de desligamento, questionando mais a separação em relação ao objeto originário do que a divisão tópica. Isso também aparece na forma peculiar de descrever o recalque nesse contexto: “na passagem para o autoerotismo, não há somente passagem do leite para ao seio, mas também interiorização do objeto sob a forma de fantasia e, eu acrescentaria, recalque originário do objeto” (p. 59)<sup>6</sup>.

Essa forma pouco comum de descrever o recalque, que afetaria não a mensagem, mas sim o objeto, pode nos fazer pensar que caberia distinguir, no recalque originário, dois momentos diferentes no processo de constituição do objeto-fonte: o primeiro relativo ao surgimento do autoerotismo e o segundo, à divisão tópica. Mesmo que Laplanche não tenha utilizado essa expressão com essa intenção em mente, creio que podemos tomá-la como uma pista. É o que proponho aqui, pois ela abre uma possibilidade de resolução da dificuldade assinalada anteriormente no que concerne à situação tópica do autoerotismo.

Cabe ressaltar que esse recalque originário do objeto sinaliza que a perda, inerente a qualquer recalque, na constituição do autoerotismo diz respeito ao objeto. Na verdade, é em função dessa perda que a fantasia se desenvolve e

5 Laplanche, J. (1980). *Problemáticas III – A Sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

6 *Ibid.*, p. 46.

dá origem à sexualidade autoerótica, pois, como salienta Laplanche (1980), “é o seio fantasístico que é ‘o objeto’ no autoerotismo” (p. 59)<sup>7</sup>. Isso faz parte de um processo de simbolização e, portanto, de substituição significante, à diferença de que, neste caso, o significante originário, do qual é preciso se separar, não é uma mensagem, mas sim o próprio objeto.

Quero insistir no seguinte ponto: esse processo de simbolização ainda não exige um Eu-instância desenvolvido nem resulta em sua constituição. O seio fantasiado do autoerotismo pode muito bem prescindir da divisão tópica. Além disso, esse fantasiar fragmentado, próprio do autoerotismo, ainda é insuficiente para sustentar o aspecto unificador do narcisismo e do Eu. Logo, é preciso imaginar que a experiência autoerótica, ainda que se mantenha após a divisão tópica, se desenvolve antes do recalque originário, responsável por essa divisão. Com isso, quero dizer que é preciso conceber dois momentos distintos na constituição da pulsão sexual. O primeiro está associado ao que Laplanche designa como “recalque originário do objeto”, que dá origem ao autoerotismo; o segundo diz respeito ao recalque do autoerotismo e das mensagens associadas, que ocasiona a divisão tópica e possibilita a fixação do material não traduzido no inconsciente recalcado.

Convém apontar que essa proposição pode encontrar sustentação nas ideias do próprio Laplanche. Ao se referir ao *après-coup*, ele afirma: “concebemos o recalque originário ao menos em dois tempos” (LAPLANCHE, 1992b, p. 239). Esse “ao menos” pode ser tomado como uma pista sobre a necessidade de conceber momentos distintos na constituição da pulsão. Isso fica ainda mais evidente quando ele afirma, em *Novos fundamentos*, que a tópica do Eu deve ser reavaliada em relação aos *tempos* do recalçamento, pois “há, dizemos, diferentes níveis do recalçamento e da evolução tópica” (LAPLANCHE, 1987, p. 132).

---

7 Ibid., p. 46.

Nesse contexto, surgem, inevitavelmente, várias questões. A primeira, e talvez a mais importante, é que essa perspectiva exige um deslocamento do início da sexualidade para um tempo anterior à divisão tópica e, portanto, à constituição do inconsciente recalcado. Esse tempo, que Laplanche chama de *tempo reflexivo*, de tempo *auto*, em explícita referência ao tempo do *autoerotismo*, é marcado por um ritmo muito particular, quase sem regulação, pois ainda não há barreira psíquica que determine frequências. Na verdade, é o ritmo da pulsão de morte que predomina, uma vez que, para Laplanche, “a pulsão de morte *reafirma a prioridade* do tempo reflexivo, do tempo ‘*auto*’, na gênese da pulsão” (LAPLANCHE, 1993, p. 112, grifo do autor). Nesse mesmo sentido, retomando as teses de *Vida e morte na psicanálise* sobre a pulsão de morte, ele também ressalta que, além de constituir o primeiro movimento da sexualidade, ela representa uma *força de desligamento* que ataca do interior, como uma *autoagressão*.

Evidentemente, a noção de ataque interno é pensada, aqui, em relação ao Eu-instância. Contudo, se o cerne da questão consiste em explorar o contexto em que o autoerotismo se desenvolve, então é preciso mudar de paradigma. Creio que isso se justifica ainda mais se considerarmos que Laplanche não desenvolveu hipóteses que dessem conta dos fenômenos psicossomáticos e de outros fenômenos referentes ao corpo. Nesse sentido, acreditamos necessário supor que, se a pulsão, como pulsão de morte, se constitui antes do surgimento do Eu-instância, então é principalmente o corpo, ou o Eu-corpo, que é inicialmente atacado. Em todo caso, o fato é que o autoerotismo, com seu funcionamento desligado, próprio do processo primário, representa um perigo não somente para as finalidades sintéticas do Eu, mas também para os princípios homeostáticos do corpo. Aqui me alinho de alguma forma à consideração de Dejours (2023) de que não é a mensagem em si mesma que desencadeia o processo de tradução-recalcamento, mas o seu efeito sobre o corpo.

A referência ao corpo nos leva a uma outra questão, suscitada pelas reflexões sobre o autoerotismo: o enraizamento corporal da pulsão. O próprio Laplanche assinalou que esse modelo tradutivo do recalque não negligencia o corpo. E é por intermédio do autoerotismo que ele pensa essa questão. Consideremos o clássico *Novos fundamentos*. Um dos motivos que o leva a defender o termo *pulsão* como indispensável à psicanálise, paralelamente ao conceito de *instinto*, é a “sua ligação indissolúvel com as *representações*” (LAPLANCHE, 1987, p. 139), pois é essa ligação que distingue a pulsão do instinto. Contudo, há, também, um outro motivo: a ligação da pulsão, “como pulsão parcial, a *determinadas zonas do corpo*” (p. 140). Assim, um pouco mais adiante, ao referir-se ao objeto-fonte como “resquício inconsciente do recalque originário”, ele prossegue: “mas também é preciso ressaltar, como insistimos há pouco, que a fonte não é puramente representativa, que ela está enraizada no somático das zonas erógenas, justamente em consequência do fenômeno da sedução” (p. 140).

Nesse texto, ele se refere indiretamente ao autoerotismo, mas, no trecho das *Problemáticas III* citado anteriormente, a referência é direta. O mais importante, contudo, é que Laplanche vai muito além da sedução nesse texto mais antigo, que diz respeito ao processo de simbolização e, portanto, à constituição *simultânea* do objeto-fonte e do autoerotismo. E ainda mais importante é o fato de que essa constituição ocorre através de uma duplicação do objeto, na medida em que o objeto da fantasia se fixa a uma parte de corpo. Vale a pena citar esse trecho na íntegra. Logo após ressaltar o papel do objeto interiorizado como fantasia na constituição da pulsão, Laplanche (1980) se pergunta:

Mas, a par dessa conclusão inevitável que é o seio fantasístico, o qual é “o objeto” no autoerotismo, o que fazer então com aquelas outras formulações que nos lembram que o objeto da atividade autoerótica é tomado do próprio corpo: o polegar e, idealmente,

os lábios? O que importa nessa espécie de duplicação do objeto é que ela nos leva a conceber uma conjunção do objeto como órgão, uma parte do corpo para sermos mais exatos (e cujo ideal são os lábios), e do seio fantasiado. Ou ainda, como não deixaremos de insistir, da “fonte” e do “objeto” no autoerotismo. (p. 59)<sup>8</sup>

Entendo que esse trecho é o que melhor dá conta, no pensamento de Laplanche, do enraizamento da pulsão no corpo, pois ele afirma, com todas as letras, que o corpo constitui uma parte indispensável do objeto-fonte. E ele não está se referindo a qualquer corpo, mas sim ao corpo fragmentado do autoerotismo. Trata-se, portanto, de um corpo que ainda desconhece o efeito de unificação que o narcisismo produz, um corpo cujas partes isoladas se encontram nessa situação complicada de ser, para além de fonte pulsional, objeto de uma satisfação impossível.

Creio que isso nos permite retomar a ideia de que o ataque da pulsão visa primeiramente o corpo, antes de visar o Eu. E se quisermos seguir a ideia laplancheana de que o corpo não pode ser separado do psiquismo, sempre podemos recorrer ao Eu-corpo. Aliás, é assim que encontramos, em Laplanche (1992b), uma compreensão semelhante desse ataque anterior à constituição do Eu-instância, em uma passagem em que ele menciona essa relação da pulsão com o corpo:

Quanto à relação da pulsão com o corpo e com as zonas erógenas, longe de ser concebida a partir do corpo, ela é a ação sobre o corpo dos objetos-fonte recalçados; isso ocorre através do Eu, que é inicialmente um Eu-corpo, no qual, naturalmente, as zonas erógenas se tornam lugares de precipitação e de organização das fantasias. (p. 239, tradução minha)

---

8 Laplanche, J. (1980). *Problemáticas III – A Sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 46.

A concepção de que a pulsão se constitui antes da clivagem tópica, portanto, antes da constituição do inconsciente recalcado, também encontra sustentação no fato de que o autoerotismo ocupa o lugar daquilo que deve ser submetido ao controle do Eu-instância, que se forma com base nas finalidades totalizantes do narcisismo, cuja meta é justamente enfrentar o perigo das pulsões parciais que constituem o autoerotismo. Como afirma Laplanche (1993) a esse respeito, “o Eu é ‘ligante’; ele liga, sendo, por definição, total; cabe a ele manter a união, reunir todas as suas pulsões autoeróticas e, ao mesmo tempo, contê-las, conter o autoerótico” (p. 94). É justamente por esse motivo que o autoerotismo é, também, fadado ao recalçamento.

No modelo ampliado que proponho, o segundo tempo do recalque originário se situa nesse ponto. Primeiramente, em função da necessidade de enfrentar o regime desligado do autoerotismo, como observamos na afirmação de Laplanche sobre o Eu. Na verdade, o Eu é resultado do processo de tradução, cujo lado negativo – isto é, o fracasso parcial – é representado pelo recalque. No entanto, insisto que não é esse Eu que se encontra na origem da simbolização que conduz ao autoerotismo, mas sim o Eu-corpo. Em segundo lugar, em função de dois outros fatores igualmente importantes. Outras mensagens que chegam exigem outros meios de simbolização, pois o outro da sedução não para de enviar mensagens. E, com estas, chegam mensagens – ou melhor, interdições – relativas ao funcionamento autoerótico da criança, uma vez que o seu autoerotismo faz ressurgir a sexualidade desligada do adulto que ele precisou recalcar outrora. Embora Laplanche não a leve em consideração ao pensar o recalque, essa situação é inexorável. Na verdade, ao meu ver, ela preenche uma lacuna na teoria, pois o recalque originário, ao ser pensado unicamente como fracasso parcial de tradução, parece prescindir de uma força em sua origem.

Para mim, a interdição do autoerotismo sustentada pelo adulto desempenha um papel importante nesse processo, nomeadamente como uma exigência. Trata-se de uma exigência imposta à criança e que vem afetar o processo tradutivo, na medida em que surge como uma determinação não apenas de “não fazer assim”, mas também de “fazer de outra maneira” – ou seja, em conformidade com os objetivos mais ligantes do Eu. Logo, essa exigência desencadeia novos processos tradutivos, que seguem na direção da divisão tópica e de um novo fracasso de tradução, levando à formação do inconsciente recalçado.

Assim, o primeiro tempo, que poderíamos, na esteira de Laplanche, chamar de “recalque originário do objeto”, culmina na constituição do autoerotismo por meio de uma operação em que predomina o *retorno sobre si mesmo*, ao passo que, no segundo tempo, fruto de um processo de simbolização mais elaborado e conduzido por um esboço do Eu-instância em formação e com o auxílio do adulto que impele a criança nessa direção, é a divisão tópica que está em jogo. Dessa maneira, enquanto o primeiro tempo incide sobre o objeto, o segundo tempo incide sobre os conteúdos e talvez também sobre a ligação, estabelecida pelo autoerotismo, entre a sexualidade e o corpo. Afinal, o escândalo para o adulto não é apenas o desligamento dessa sexualidade, mas também a sua relação com essas partes erógenas do corpo recalçadas por ele.

Cabe agora indagar onde se situa topicamente o autoerotismo, essa experiência primordial. Se ela se desenrola antes da divisão tópica, então é preciso reconhecer que a cena em que isso ocorre só pode ser aquela do Eu-corpo originário, o que quer dizer que, em sua constituição, o autoerotismo ainda não tem uma tópica. O problema consiste em saber, então, o que resultará desse Eu-corpo na divisão tópica. Ele assumiria um lugar na base do Eu-instância? Tudo nos leva a crer que sim, e esse é o destino previsto no trecho acima, em que Laplanche afirma que o Eu é, antes de tudo, Eu-corpo.

Mas, mesmo assim, cabe indagar se esse destino concerne à totalidade do Eu-corpo.

Defendo a ideia de que é aí que convém situar a clivagem vertical, associada ao que foi designado como terceira tópica. Minha hipótese é de que ocorre uma cisão do Eu-corpo na divisão tópica produzida pelo recalque. Isso porque, se uma parte mais organizada e mais coerente serve de base para as ligações narcísicas no processo de tradução, existem outras partes que permanecem fora desse processo. Mas que partes são essas? Parece-me necessário conceber que a tradução relativa ao autoerotismo não é capaz de fazê-lo desaparecer. O desligamento que o caracteriza, como alicerce da pulsão de morte, não pode ser inteiramente contido, mesmo nos melhores cenários. Logo, uma parte do autoerotismo vai permanecer nesse espaço como verdadeira alteridade. Isso já é motivo suficiente para manter esse espaço do Eu-corpo, ao qual ele pertence, clivado do restante. Mas seria mais simples se essa alteridade decorresse unicamente desse desligamento. Não podemos esquecer que o Eu-corpo é o lugar de inscrição das mais diversas mensagens, com graus variáveis de alteridade.

Para dar seguimento a essa reflexão, é preciso retomar a forma como Laplanche concebe a origem da clivagem vertical. Essa descrição pode ser encontrada na resposta às perguntas que lhe foram feitas por Calich (2006) no texto no texto *“Pour ‘faire travailler’ la topique laplanchienne”*, em que ele escreve: “sinto-me inclinado a considerar a clivagem do Eu como um ‘estado de fato’ que resulta da ocorrência do recalque. O recalque cria a parte A do esquema e, ao fazê-lo, produz a clivagem entre os dois setores que se ignoram, A e B” (LAPLANCHE, 2006a p. 43).

Convém lembrar que, em sua pergunta, Calich indagava se a clivagem não deveria ser pensada a partir da recusa, como algo anterior ao recalque (LAPLANCHE, 2006a p. 36). Laplanche responde que a clivagem deve ser

tida como um “estado de fato” que não resulta de um mecanismo de defesa, mas sim do próprio processo tradutivo, no qual se inscreve o recalque originário, que produz, no mesmo movimento, as clivagens horizontal e vertical. Seu argumento aponta para a pressuposição de que a clivagem vertical constitui uma espécie de resultado inerente, inevitável, ocasionado pela criação da parte A (neurótica), uma vez que o resto dessa tradução se vê automaticamente clivado da parte que acaba de ser criada. Isso deriva da sua preocupação em sustentar a universalidade da clivagem – isto é, sua presença em todos os psiquismos.

No que concerne à recusa, Laplanche se contenta em afirmar que ela caracteriza o processo de defesa predominante no inconsciente encravado, do mesmo modo que o recalque predomina na outra parte. Além disso, é o modelo freudiano, situado no contexto da castração, que é sempre referenciado. Não é dita sequer uma única palavra sobre o papel da recusa em seu próprio modelo, que não parte da castração. Há, portanto, uma lacuna em sua explicação a esse respeito. Uma lacuna que, se quisermos desenvolver mais esse modelo da clivagem, devemos tentar preencher. Contudo, talvez não seja por acaso que Laplanche nos tenha deixado essa lacuna, pois estamos diante de registros muito diferentes: um associado à castração e o outro, ao processo de tradução e de constituição da tópica. Ademais, a única pista que ele nos legou é de que a clivagem ocorre entre aquilo que já sofreu a prova da tradução e aquilo que ainda não a sofreu (LAPLANCHE, 2006b, p. 116). A questão consiste em saber como conceber a recusa nesse contexto.

No cerne da reflexão freudiana sobre esse assunto encontra-se o fato de que há uma força pulsional que não pode ser completamente renegada, mesmo diante de um “perigo real” oriundo do mundo adulto, que deve ser, então, recusado (FREUD, 1940/2010, p. 221)<sup>9</sup>. Como transpor essa ideia para o

---

9 Freud, S. *A divisão do ego no processo de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p. 309.

modelo laplancheano? Ora, creio que esta é a ocasião para retomarmos o fio da “realidade psíquica”, pois se há, em Laplanche, um contexto em que a recusa pode se alojar como correlativa ao recalque na clivagem, esse contexto é o da “realidade psíquica”. Uma realidade que está presente tanto no outro, em seu inconsciente e em suas mensagens, quanto no Eu-corpo da criança, inscrita sob a forma de mensagem ou de autoerotismo no início da vida. Trata-se de uma realidade diferente daquela da ameaça de castração descrita por Freud, mas que não é menos real nem menos perigosa. Muito pelo contrário, pois ela constitui um “terceiro domínio de realidade”, ao qual pertence a sexualidade inconsciente, associada à mensagem e à fantasia e que representa a essência da alteridade humana. Aliás, é por esse motivo, como afirma Laplanche em *Sedução, perseguição, revelação*, texto capital sobre a “realidade psíquica”, que “todo o movimento do ser humano consiste em negar, em reintegrar a alteridade” (LAPLANCHE, 1999b, p. 8)<sup>10</sup>. Além de ressaltar o lugar central da alteridade, associada a esse terceiro domínio de realidade, próprio da sexualidade, essa frase também é interessante devido a essa referência à negação. Evidentemente, devemos tomá-la mais no sentido do recalque, mesmo porque a tópica da clivagem ainda não estava em questão. Mas não deixa de ser intrigante que haja, em um outro texto, uma referência direta à recusa nesse contexto:

No que concerne à alteridade do outro, os métodos de defesa são sempre os mesmos: tentativa de assimilação, recusa da diferença, segregação, destruição. Podemos encontrá-los, evidentemente, nas atitudes em relação às diferenças culturais e étnicas. Mas, em todas as análises do “racismo”, a clivagem interna inerente ao próprio outro não é levada em conta. É essa *alteridade interna* que se encontra na raiz da angústia diante da alteridade externa; é ela que se busca reduzir a todo custo. (LAPLANCHE, 1992c, p. 433, nota 16)

---

10 Laplanche, J. *Entre a sedução e a inspiração: o homem*. Porto Alegre: Dublinense, 2023, p. 14.

Neste caso também, embora o termo *clivagem* seja mencionado, a tópica da clivagem ainda não está em questão. Ainda assim, o que é dito é muito sugestivo e pode servir pelo menos de pretexto para a formulação da nossa hipótese. Essa relação íntima entre a alteridade interna e a alteridade externa muito bem apontada por Laplanche é mantida pela “realidade psíquica”, que estabelece essa ligação. Uma realidade que permeia a mensagem do outro, mensagem que se inscreve no Eu-corpo, em seguida no autoerotismo e, por fim, no recalcado. A questão consiste em saber onde se situa a recusa nesse processo.

Para respondê-la, é preciso retomar a hipótese formulada por Laplanche de que a clivagem vertical se produz pelo mesmo movimento que produz a clivagem horizontal: o processo de tradução em que se inscreve o recalque originário. Como ressaltado anteriormente, ele afirma que a tradução, que resulta na criação do lado neurótico, cria automaticamente o lado não neurótico, ou seja, o inconsciente encravado, pois essa tradução deixa para trás as mensagens não traduzidas. Contudo, se essas mensagens não traduzidas já são portadoras de alteridade, elas precisam de um mecanismo para conter sua ameaça. Cabe lembrar também que, para Laplanche, a base do Supereu se situa nesse mesmo lugar. Além disso, segundo a nossa hipótese, o autoerotismo está “dentro do mesmo saco”.

Portanto, para mim, a recusa se situa aqui. Sua função seria manter todo esse lado não traduzido marcado pelo símbolo da exclusão. E a recusa se constitui com o recalque originário, como seu duplo, pois, da mesma forma que aquilo que escapa parcialmente à tradução necessita de uma força para se manter no inconsciente recalcado, o lado não traduzido também necessita de uma força de contenção. Mas essa força permanece alheia ao conflito, uma vez que ela se baseia na clivagem própria da recusa. Uma clivagem que gera uma exclusão e se mantém com o auxílio do mecanismo arcaico da *transformação em seu contrário*, tratando como não existente o contrário

excluído. Aliás, o narcisismo, em seu movimento autocentrado, se insere justamente nesse processo, que se opõe ao descentramento originário, do mesmo modo que, em seu movimento de síntese e de atividade, ele enfrenta a passividade originária inerente a essa situação, em que também se encontram o autoerotismo e o masoquismo.

Para concluir, poderíamos afirmar que essa recusa estrutural, associada à clivagem vertical, diz respeito a uma realidade específica – que não é a realidade material, mas sim a “realidade psíquica” no sentido de Laplanche, ou seja, o terceiro nível de realidade próprio da sexualidade inconsciente. Trata-se de uma sexualidade que se encontra, nesse espaço do inconsciente encravado, sob três formas diferentes: como mensagem inscrita sem tradução, que pode ser definida em termos de sexual/pré-sexual; como autoerotismo, a forma primeira do sexual enquanto pulsão de morte; e como Supereu, em que o sexual se encontra preso no extremo da ligação. São essas três formas de sexualidade, que tornam esse inconsciente encravado um espaço de pura alteridade e que pode muito bem ser pensado como equivalente ao Isso freudiano, composto por um Eu-corpo imerso em uma excitação transbordante por ter sido alvejado pelo desejo e pelo corpo do outro sem dispor dos meios simbólicos e físicos para remediar essa excitação, tendo, assim, de encontrar uma descarga autoerótica *in loco*, no próprio órgão. Além disso, ele é destinado a abrigar um outro enclave, o Supereu, repleto de injunções categóricas.

## Referências

DEJOURS, C. *Le corps, d'abord*. Paris : Petite Bibliothèque Payot, 2001.

DEJOURS, C. Lénigme psychosomatique. *Constructo Revista de Psicanálise*, n. 8, Porto Alegre, 2023.

BLEICHMAR, S. *La fundación de lo inconciente*. Destinos de pulsión, destinos del sujeto. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

CALICH, J.C. Pour « faire travailler » la topique laplanchienne. *Psychiatrie Française* (pp. 34-44). Paris, vol. XXXVII, 3/06, 2006.

FREUD, S. (1940). Le clivage du moi dans le processus de défense. *OCF-P*, vol. XX, p. 219-224. Paris : PUF, 2010.

LAPLANCHE, J. *Problématiques III – La sublimation*. Paris : PUF, 1980.

LAPLANCHE, J. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris : PUF, 1987.

LAPLANCHE, J. L'interprétation entre déterminisme et herméneutique : une nouvelle position de la question, in *La révolution copernicienne inachevée* (pp. 385-415). Paris : Aubier, 1992a.

LAPLANCHE, J. La pulsion et son objet-source. Son destin dans le transfert, in *La révolution copernicienne inachevée* (pp. 227-242). Paris : Aubier, 1992b.

LAPLANCHE, J. Du transfert : sa provocation par l'analyste, in *La révolution copernicienne inachevée* (pp. 417-437). Paris : Aubier, 1992c.

LAPLANCHE, J. *Le fourvoisement biologisant de la sexualité chez Freud*. Paris : Synthélabo, 1993.

LAPLANCHE, J. Court traité de l'inconscient, in *Entre séduction et inspiration : l'homme* (pp. 67-114). Paris : PUF, 1999a.

LAPLANCHE, J. Séduction, persécution, révélation, in *Entre séduction et inspiration : l'homme* (pp. 7-56). Paris : PUF, 1999b.

LAPLANCHE, J. Réponse de Jean Laplanche à José Carlos Calich. *Psychiatrie Française*, vol. XXXVII, 3/06, 2006a, pp. 42-44.

LAPLANCHE, J. Réponse de Jean Laplanche à Alberto Luchetti. *Psychiatrie Française*, vol. XXXVII, 3/06, 2006b, pp. 115-117.

LAPLANCHE, J. Trois acceptions du mot « inconscient » dans le cadre de la théorie de la

séduction généralisée, in *Sexual – la sexualité élargie au sens freudien* (pp. 195-213). Paris: PUF, 2007.

RIBEIRO, P. de C. *O problema da identificação em Freud*. Recalcamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta, 2000.

Recebido em 24/09/2024

Aceito em 30/09/2024

Tradução de **Vanise Dresch e Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Déborah Jasmine Dalcol**

**Luiz Carlos Tarelho**

Av. Hilário Pereira de Sousa, 406/2401, Torre São Paulo

06020-012 – Osasco – SP

lcarlostarelho@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise